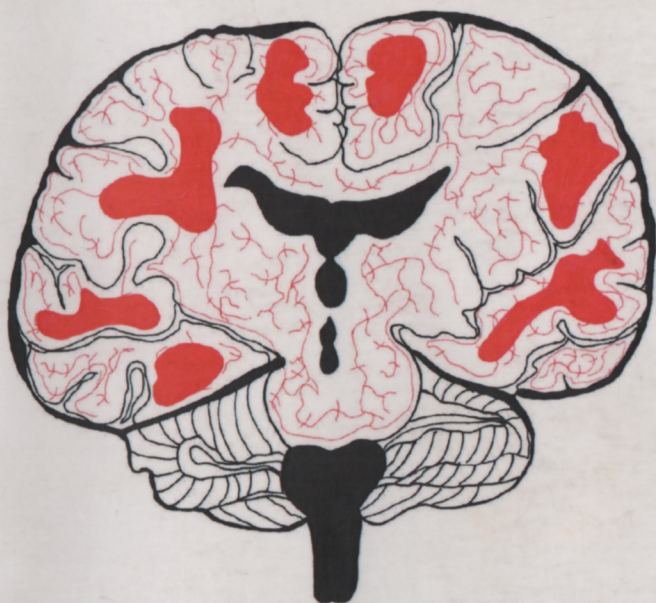


CHRISTINE GREINER

# O corpo em crise



NOVAS PISTAS E O CURTO-CIRCUITO DAS REPRESENTAÇÕES

  
ANNA BLUME

## Infothes Informação e Tesouro

---

G839 Greiner, Christine.

O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações. / Christine Greiner. – São Paulo: Annablume, 2010. (Coleção Leituras do Corpo).

148 p. ; 11,5 x 20 cm

ISBN 978-85-391-0108-5

1. Linguagem do Corpo. 2. Comunicação. 3. Comunicação Não Verbal. 4. Corpomídia. I. Título. II. Série. III. Greiner, Christine.

CDU 800.95

CDD 301.21

---

**Catálogo elaborado por Wanda Lucia Schmidt – CRB-8-1922**

### O CORPO EM CRISE: NOVAS PISTAS E O CURTO-CIRCUITO DAS REPRESENTAÇÕES

*Coordenação de produção:* Ivan Antunes  
*Produção:* Catarina Consentino – Paginação  
*Revisão:* Juliana Biggi  
*Capa:* Catarina Consentino  
*Imagem da capa:* Claudia Amorim  
*Finalização:* Catarina Consentino

#### CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Peñuela Cañizal  
Norval Baitello Junior  
Maria Odila Leite da Silva Dias  
Celia Maria Marinho de Azevedo  
Gustavo Bernardo Krause  
Maria de Lourdes Sekeff (*in memoriam*)  
Cecilia de Almeida Salles  
Pedro Roberto Jacobi  
Lucrécia D'Aléssio Ferrara

1ª edição: julho de 2010

© Christine Greiner

ANNABLUME editora . comunicação  
Rua M.M.D.C., 217 Butantã  
05510-021 São Paulo SP Brasil  
Tel. e Fax. (011) 3812-6764 – Televidas 3031-1754  
[www.annablume.com.br](http://www.annablume.com.br)

## 6 – O PAPEL DO CORPO NA TRANSFORMAÇÃO DA POLÍTICA EM BIOPOLÍTICA

Helena Katz

Resumo: O corpo em movimento é a matriz da comunicação e da cognição. O movimento, a ação do corpo, vai corporificando as trocas incessantes com os ambientes. Hoje, quando o corpo vem transformando a política em biopolítica, a proposta de entendê-lo como um corpomídia (KATZ & GREINER) permite uma leitura crítica do que está em curso na nossa sociedade.

Passaram-se mais de 2 mil anos desde que o poeta romano Lucrécio, que viveu no século I a.C., propôs, em *De rerum natura* (Sobre a natureza das coisas)<sup>23</sup>, que se buscassem as explicações para os fenômenos naturais dentro da própria natureza, sem precisar atribuir o que acontece na Terra e no céu ao capricho de algum Deus (GLEISER, 2010). Todavia, ainda hoje, quando se diz não ser possível conhecer tudo o que existe, aparece um piloto automático que produz, na continuação dessa conversa, algo parecido com “mas a ciência nunca esgotará o conhecimento” – querendo dizer que sempre existirá o domínio do nãoexplicável.

O que sustenta essa linha de raciocínio é a crença na existência de uma oposição entre razão e emoção/sentimento, objetivo e subjetivo, dentro e fora, mesmo depois de tantas contribuições que nos ensinam o contrário disso.

---

23. *De rerum natura* foi traduzido para o português pelo latinista Agostinho da Silva, e publicado no volume V da coleção Os Pensadores, da Editora Abril Cultural.



Para abandonar o medo de que um mundo decifrável perderá o seu encanto, o corpo funciona como uma referência propícia, através da experiência de reencantamento que brota do desafio de desvendá-lo. O importante é não parar de perguntar – único antídoto eficiente contra os preconceitos e a superstição que a ignorância produz. Não importa que continuem a existir fenômenos sem explicação. O que conta é compreender que os conhecimentos são sempre parciais, e que a tarefa que nos cabe é a de aprender a aderir e a tomar distância ao mesmo tempo, como sugere o filósofo Giorgio Agamben, professor da Universidade de Verona, nascido em 1942, quando se refere ao contemporâneo:

Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua ínfima obscuridade. Por que conseguir perceber as trevas que provêm da época deveria nos interessar? Não é talvez o escuro uma experiência anônima e, por definição, impenetrável, algo que não está direcionado para nós e não pode, por isso, nos dizer respeito? Ao contrário, o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provêm do seu tempo (Agamben, 2009: 63-64).

Devemos nos dispor a perceber não somente as luzes, que são tão evidentes, mas o escuro que faz parte delas e não identificamos de imediato. Neurofisiologistas explicam que a ausência de luz desinibe as *off-cells* (células periféricas da retina), tornando-as ativas, e que elas produzem uma espécie particular de visão, que chamamos de escuro. O escuro, portanto, não é a ausência de luz, um espaço onde não há nada para ser visto, uma nãovisão, mas sim um produto da nossa retina, tal como a luz, um outro tipo de visão.

Se a escuridão faz parte, pertence à luz, para ser capaz de reconhecê-la precisamos desenvolver a habilidade particular de impedir que o que está na luz nos distraia da necessidade de buscar o que não está nela aparente. Sobretudo com relação ao corpo, essa é a tarefa que se impõe: aprender a ver o que já está naquilo que dele se fala, mas ainda no escuro dessa fala. Assim, os pilotos

automáticos de certos discursos poderão ser desativados. Porque discursos proliferam sem o controle de quem os emite. Alguns discursos se dizem e passam com o ato que os pronunciou, e outros são retomados constantemente. Mas, como são os discursos que vão se autorregulando, pode-se forçá-los a tomar posição a respeito de questões sobre as quais estavam desatentos. E para fazer falar a nós o que não estava audível, há que enfrentar situações comportando-se de modo diferente ao das borboletas, “que não sobrevivem ao momento em que um alfinete lhes atravessa o corpo para fixá-los no lugar” (Bauman, 1999, 1991: 12).

Quando o assunto é o corpo, não parece haver outra saída a não ser a de começar a acordar mundos que continuam adormecidos parecendo sem sentido (Bauman, 1999). O corpo do qual a medicina tratava até o século XVIII sofria de “líquidos esquentados” (inflamação) e “sólidos ressecados” (degenerescência dos tecidos). De lá para cá, não foi somente uma troca terminológica que se deu, mas uma ação fruto da relação de codependência entre um certo contexto e um certo tipo de inquietação.

O semioticista Thomas Sebeok (1991) salienta a importância do contexto e, diferindo do que habitualmente se pensa, afirma que o “onde” tudo ocorre nunca é passivo. O ambiente no qual uma informação é produzida, transmitida e interpretada, nunca é estático, mas uma espécie de contexto-sensitivo – por isso, as trocas entre corpos e ambientes são possíveis, e o corpo, que está sempre transitando por vários ambientes/contextos, vai trocando informações que tanto o modificam como modificam os ambientes. Evidentemente, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência de cada ser vivo, nesse processo de cotransformações que não estanca entre corpo e ambiente.

Talvez a célula seja um bom exemplo para se pensar esse tipo de relação:

Muitas moléculas entram e saem da célula, em contrapartida, outras não podem fazê-lo. Mas a célula não é um recipiente contenedor. Ao contrário, ao entrar uma molécula dentro dela, passa a fazer parte da organização celular. As moléculas não recebem vida porque a vida não é uma propriedade das moléculas em si. A vida se relaciona com a organização, com a rede de relações e as propriedades emergentes da interação. No



entanto, atravessar uma membrana implica uma transformação da rede de relações e gera uma transformação da identidade (que já não pode ser pensada em si e por si mesma, mas em um emaranhado relacional coevolutivo)” (NAJMANOVICH, 2001: 24-25).

A noção de contexto varia. Sebeok define contexto como o reconhecimento que um organismo faz das condições e maneiras de poder lidar efetivamente com as informações. Contexto inclui, portanto, sistema cognitivo (mente), mensagens que fluem paralelamente, a memória de mensagens prévias que foram experienciadas e, sem dúvida, a antecipação de futuras mensagens, que ainda serão trazidas à ação, e que existem como possibilidade.

Nestas antecipações, há um tema que se impõe – o instinto (Pinker, 1997 e 2000) – essa predisposição comportamental apta a operar antes de qualquer experiência. Processos coevolutivos entre corpo e ambiente produzem uma rede de predisposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais, e a sua implicação no meio é inevitável e fundamental para o que daí surge como linguagem, especialmente quando se lembra que a linguagem nasce da segregação. Identificar algo implica separá-lo do que ele não é. Ou seja, a prática de nomear depende da eficiência do ato de classificar. O nomear desenha topologias e tem uma duração que lhe independe, pois tudo o que se põe no mundo segue um percurso que a mistura de acaso e causalidade vai configurando.

O contexto não é um recipiente povoado por coisas que o conformam; o contexto está sempre mudando porque o conjunto de coisas que o forma também se transforma. As atualizações são contínuas, articulatórias e descentradas, uma vez que o trânsito permanente instabiliza as noções de dentro e fora. Assim, o contexto e tudo que o forma passam a ser lidos como estados transitórios em um fluxo permanente de mudanças.

### Corpo

Desde sempre, nós vamos construindo o mundo pegando coisas daqui e dali, em práticas que vão estreitando as trocas entre a química da vida e o ambiente. Em nossas construções de mundo, os entendimentos de “corpo” estão submetidos aos regimes de produção de sentidos que vão sendo engendrados ao longo do tempo. Mas, como a percepção do corpo se dá de acordo com o conhecimento que se tem a seu respeito, o nome “corpo” vai variando, identificando referências distintas, ao longo da história. Hoje, tornou-se o protagonista da transformação da política em biopolítica, com o Estado passando a regular a sociedade a partir da redução do corpo à sua vida biológica.

Se voltamos à Marx, em *O Capital*, leremos que:

Não só o trabalho é dividido e suas diferentes frações distribuídas entre os indivíduos, mas o próprio indivíduo é mutilado e transformado no aparelho automático de um trabalho parcial, tornando-se, assim, realidade a fábula absurda de Menenius Agripa<sup>24</sup> que representa um ser humano como simples fragmento de seu próprio corpo.

(Marx, apud Ghiraldehli Jr., 2007: 64)

O corpo do mundo deste tipo de trabalho fica reduzido às suas partes, maquinificado nas linhas de montagem das fábricas, materializando o taylorismo<sup>25</sup> – modelo de corpo que, mais tarde, Charlie Chaplin vai apresentar em *Tempos Modernos* (1936) e que se popularizará como a imagem de corpo aceita como capaz de promover desenvolvimento social. Quando a divisão do trabalho produzida dentro da fábrica, juntamente com a disciplina que a regula, escorre para a sociedade e passa a constituir o seu modelo de administração, o seu padrão disciplinar, essa é a imagem de

24. Menenius Agripa, senador romano que usou, em um de seus discursos, a fábula sobre membros do corpo humano que se revoltam contra a barriga.

25. Frederick Taylor, engenheiro, escreve *O Princípio da Administração Científica* em 1891, livro no qual disciplina o trabalho nas fábricas através de um tipo de organização que controla os tempos e os movimentos dos operários, ou seja, de seus corpos.



corpo que lá se implanta. Não é o corpo da excitação, da dor, do prazer – mas o corpo docilizado que deve desempenhar bem as suas tarefas porque pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado (Foucault, 1983).

Foucault vai fazer uma leitura crítica desse corpo, voltando a Nietzsche via Merleau-Ponty, que entende o corpo como carne, sendo carne uma interligação de estruturas e forças que interagem sem dominância entre elas e sem existência de um centro controlador. Para Nietzsche, o corpo era uma superfície na qual um conjunto de forças subterrâneas eram reprimidas e transmutadas por um mecanismo de construção cultural, externo à ele. Tal mecanismo é apresentado com sendo a história, o que significa ser a história o instrumento que produz significações culturais – ou seja, linguagem – em um corpo tabula rasa.

O conceito de corpo como um organismo biológico no qual a cultura inscreve seus traços será contestado pelo conceito de corpomídia (KATZ & GREINER), que invalida o entendimento de que primeiro o corpo se forma e depois começa a lidar com os traços sociais do entorno.

O que está fora adentra e as noções de dentro e fora deixam de designar espaços não conectos para identificar situações geográficas propícias ao intercâmbio de informação. As informações do meio se instalam no corpo; o corpo, alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que o leva a propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças. (KATZ & GREINER, 2001)

É a própria ideia de inscrição que carrega embutida a possibilidade de se pensar a existência de um corpo sem elas, um corpo natural antes do corpo cultural. Afinal, o que se inscreve (história, cultura) implica local (corpo) para ser inscrito. Uma construção lógica dessa natureza deságua na possibilidade de se pensar em um corpo ontologicamente distinto deste corpo culturalmente construído. Foucault declara recusar tal possibilidade, mas quando emprega metáforas como “o corpo é a superfície inscrita de eventos” acaba por reforçar tal entendimento.

Para Foucault e para Nietzsche, os valores culturais emergem como inscrições no corpo. A Teoria Corpomídia propõe a inexistência do corpo fora da cultura, corpo e ambiente se codeterminam.

### *Corpomídia: o movimento como matriz da comunicação*

Em 1987, o filósofo norte-americano Mark Johnson, professor de Ciência Cognitiva e Linguística e também de Ciência da Computação na Brown University, repropôs a relação entre corpo, movimento e cognição. Mostrou que a cognição tem origem na motricidade e explicou que a ideia de que existe um dentro, um fora e um fluxo de movimento entre eles se apoia no conceito de corpo como recipiente, um entendimento que se popularizou, mas que não se sustenta mais. Talvez as nossas ações mais básicas sejam as de ingerir e excretar, inspirar e expirar (que, evidentemente, dizem respeito a algo que entra e a algo que sai). Curiosamente, a comunicação também tem a ver com um entrar e sair, seja de lugares, recipientes, situações, espaços, tempos, de si mesmo, do outro, do grupo, e assim por diante. O que a perspectiva evolucionista aqui pleiteada agrega é a possibilidade de lidar com o binômio dentro/fora como complementaridade aberta e não como exterioridade mútua.

Como a comunicação se baseia no mesmo sistema conceitual que usamos para pensar e agir, a linguagem verbal se torna uma fonte importante de evidência do funcionamento do sistema. Importante, porém, não a única. Nosso sistema conceitual, que é encarnado e de raiz metafórica, ocupa um papel central, definindo as realidades cotidianas. Não há nada que esteja em um pensamento que não tenha estado também no sistema sensorio-motor do corpo. Ou seja, quem dá início ao processo de comunicação é o movimento. Por isso também se torna indispensável saber como o corpo funciona.

Segundo Lakoff e Johnson (1998, 1999), conceitos não são apenas matéria do intelecto. Conceitos estruturam o que percebemos, como nos relacionamos com o mundo e com as outras pessoas, como nos comunicamos. Segundo eles, o modo como pensamos e agimos, o que experimentamos e o que fazemos em nosso cotidiano, tudo isso está sempre corporificado.

Qualquer raciocínio que você faça usando um conceito exige que estruturas neurais do cérebro realizem esse raciocínio.



Então, a arquitetura de suas redes neurais determina os conceitos que você tem e, portanto, o tipo de raciocínio que você pode ter. (LAKOFF & JOHNSON, 1999: 16)<sup>26</sup>

Sendo os conceitos estruturas neurais que nos permitem categorizar e raciocinar, tais atividades deixam de ser somente mentais, e passam a ser entendidas como corporificadas. E as primeiras implicações epistemológicas dessa proposição dizem respeito a compreender que raciocinar, perceber e funcionar motoramente passam a estar profundamente ligados. A razão passa a ser tratada na perspectiva do movimento, ou seja, corporificada.

Em termos cognitivos, o conceito configura-se como uma metáfora. Ao comunicar algo, há sempre deslocamentos (movimento com mudança de posição): de dentro para fora, de fora para dentro, entre diferentes contextos, de um para o outro, da ação para a palavra, da palavra para a ação, e assim por diante. A sistematicidade que nos permite entender um aspecto de um conceito em termos de outro (a chave da metáfora<sup>27</sup>) vai necessariamente esconder outros aspectos do conceito e da experiência. Por isso, os conceitos são sempre parciais, sem capacidade para abarcar a totalidade dos fenômenos aos quais se referem.

O conceito, portanto, que é sempre fruto de um procedimento metafórico do nosso corpo, pois representa um modo de estruturar parcialmente uma experiência em termos da outra. A pergunta é: o que faz parte do domínio básico de uma experiência? As experiências são fruto de nossos corpos (aparato motor e perceptual, capacidades mentais, fluxo emocional etc), de nossas interações com os ambientes através das ações de se mover, manipular objetos, comer, e de nossas interações com outras pessoas, em termos sociais, políticos, psicológicos, econômicos, religiosos etc.

26. "Any reasoning you do using a concept requires that the neural structures of the brain carry out that reasoning. Accordingly, the architecture of your brain's neural networks determines what concepts you have and hence the kind of reasoning you can do" (LAKOFF & JOHNSON, 1999: 16).

27. Aqui, a metáfora não é entendida como um recurso linguístico de imaginação poética, mas como o que o nosso corpo faz para existir, que é o procedimento de experienciar uma coisa em termos da outra. Nosso sistema conceitual é metaforicamente estruturado.

Nietzsche (1844-1900) já chamava a atenção para o fato de o corpo agir como um tipo de razão, tanto que se permitiu chamá-lo de "grande razão", uma razão maior do que aquela que os filósofos costumavam associar à mente separada do corpo. A razão pela qual a fala não nasce de uma unidade chamada corpo, mas é o que aparece quando o corpo passa a comandar os processos sociais, está ligada ao fato de que, nesse mundo em que tudo precisa se tornar objeto da comunicação, não mais se pode pensar a realidade como sendo ordenada racionalmente, tendo como base um fundamento. Afinal, isso que se chama de realidade está a todo momento mudando, mesmo que não consigamos perceber a olho nu o que vai se passando.

Sendo o corpo e a realidade frutos sempre provisórios das trocas permanentes que fazem<sup>28</sup>, os nomeares sobre o corpo se ajustam e se desajustam em relação aos contextos que vão sendo produzidos nessa relação, ao longo do tempo. Nos de agora, ocorre a hipertrofia da visibilidade do corpo e como as sociedades se tornam cada vez mais transparentes (Vattimo, 1992) porque nelas as formas de comunicação não param de se expandir, é justamente o corpo que nos remete à biopolítica.

### *O corpo conduz a (bio)política*

A associação nascimento/lugar que estrutura o nacional-socialismo com seu *Blut und Boden* (solo e sangue) e a vinculação entre o lugar onde se nasce (*ius soli*) e de quem se nasce (*ius sanguinis*) formam um claro ponto de partida para o que vem acontecendo. Nos dois casos, é o puro fato do nascimento que assegura os direitos, ou seja, o corpo vale como vida nua<sup>29</sup>, o tipo

28. Esse é o conceito de corpomídia (KATZ & GREINER, 2001, 2003, 2005).

29. Benveniste vai ao antigo direito romano para buscar a figura da "vida nua" que, depois, Giorgio Agamben retoma de Walter Benjamin: o *homo sacer*, ou homem sacro, aquele que comete um crime hediondo, mas não pode ser sacrificado segundo os ritos da punição porque não possui cidadania. Se for morto, o seu executante não será punido. Ele é indesejado pelos deuses e pelos homens porque está fora da jurisdição de ambos.

O plano de Agamben para investigar o *homo sacer* iniciou-se com a publicação, em 1995, do volume I, *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Em 1998, escreveu o volume III, *O que resta de Auschwitz, o arquivo e o testemunho*. A primeira parte do que será o segundo volume saiu em 2003 com o título de Estado de Exceção. Ainda há um volume IV, que vai encerrar a série.



de vida que o Estado regula cada vez com mais eficiência. A associação entre

A vida que, com as declarações dos direitos humanos tinha-se tornado o fundamento da soberania, torna-se agora o sujeito-objeto da política estatal (que se apresenta, portanto, sempre mais como “polícia”); mas somente um Estado fundado sobre a própria vida da nação podia identificar como sua vocação dominante a formação e tutela do “corpo popular” (AGAMBEN, 2004: 155).

Foucault (1926-1984), especialmente a partir do seu livro *Vontade de Saber* (1976), relacionará, cada vez mais intensamente, poder/saúde/corpo/vida. Dois anos antes, em 1974, inaugurou o conceito de biopolítica em uma palestra dada no Rio de Janeiro, com o título de “O nascimento da medicina social”<sup>30</sup> Vai demonstrar que a racionalização da vida se transformou em dispositivo de dominação. Não será difícil perceber que para operar o tipo de “administração dos corpos” que está em curso, a vida precisou ser reduzida à sua condição biológica.

Trata-se de uma inversão do que vinha sucedendo, de acordo com Nietzsche, que chama a atenção para o fato de Sócrates seduzir a todos, apesar da sua feiura. Salienta que o que estava em curso era uma prática apoiada no desprezo pela vida biológica, através da valorização do que as ideias podiam promover. Ideias tinham poder de encantamento e apagavam a feiura do corpo. Marca-se aí o que viria a se tornar uma supremacia da mente sobre o corpo, e que se manteve vigente por quase toda a história da filosofia.

Para entender essa relação, vale recorrer novamente à Agamben, que lembra que os gregos falavam da vida com duas palavras distintas: *zoé* (a vida natural que os homens compartilham com tudo o que é vivo) e *bíos* (a vida socialmente formalizada de um indivíduo ou um grupo).

30. Em 1979, ela foi publicada por Roberto Machado no *Microfísica do Poder*, Ed. Graal.

A dupla categorial fundamental da política ocidental não é aquela amigo-inimigo, mas vida nua-existência política, *zoé-bíos*, exclusão-inclusão. A política existe porque o homem é o vivente que, na linguagem, separa e opõe a si a própria vida nua e, ao mesmo tempo, se mantém em relação com ela numa exclusão inclusiva. (AGAMBEN, 2002: 16)

A “vida nua” (“*zoé*”) foi dominando o espaço político. Nada mais escapa da regulação que atua na nossa subjetividade, no nosso inconsciente, na nossa sexualidade, sonhos, desejos, amores, percepções. Trata-se de uma atuação difusa, em rede, sem centro. Não mais vem de fora, como no tempo em que Foucault escrevia sobre os corpos disciplinados pelas instituições, pois agora somos nós – e não mais somente as instituições – os agentes dessa docilização.

Estado, ciência, capital e mídia se materializam em nós dissimulados no hedonismo e no consumo desenfreados que nos guiam, e também na crescente medicalização da nossa existência, empreendimentos que já estão “opacos no seu miolo e púidos nas suas beiradas” (Bauman, 1999), mas não percebemos.

Prevalece, ainda e sempre a vida nua tomada agora na sua modalidade biológica – , forma dominante da vida por toda parte. Toda a discussão sobre a bioética, hoje em dia, estaria atravessada por uma tal concepção biológica da vida. A medicalização das esferas da existência, as representações pseudocientíficas do corpo, da doença, da saúde, seriam expressões desse domínio da vida nua, e sobretudo da redução das formas de vida ao fato da vida. (PELBART, 2003: 61)

Hedonismo e hiperconsumismo se fortalecem em torno da biopolítica, essa política que só reconhece valor à vida nua, e que torna *zoé* e *bíos* indistintas, uma vez que não se concebe a vida nua como um puro estado biológico que será, mais tarde, levada para a ordem jurídica. Na nossa sociedade, a vida nua sempre pertence às políticas de natalidade, alimentação, moradia, educação e saúde que estiverem em curso onde ela existir. A vida nua seria a vida como um fato: em nome dela o poder se exerce quando, para protegê-la, a coloca no centro de suas ações. *Bíos* seria a forma que esse fato toma, e, agora, pensando-a com o apagamento da



diferença entre público e privado que os meios de comunicação vêm intensificando, fica ainda mais clara a inadequação dos conceitos gregos de *zoé* e *bíos* para se pensar o corpo hoje.

A vida nua e animal não está despida daquilo que a cerca e de tudo o que a antecedeu. Todo corpo é sempre um corpo-mídia, isto é, um estado transitório das trocas que faz com os ambientes. Assim, a vida nua, essa força produtora das formas de vida que podem surgir, age nesse trânsito de trocas que promove mestiçagens entre natureza e cultura.

Se lembrarmos que o capital é uma forma de realizar a produção, e não se refere somente ao acúmulo de recursos e mercadoria, vamos reconhecer que não mais vivemos em um mundo pautado somente pela linha de montagem da produção industrial. O corpo a ela ajustado vive modificações intensas em uma transnacionalização que ecoa a do próprio capitalismo. Içado a uma condição em si mesma, permite que descobertas a seu respeito sejam universalizadas, ignorando condições e necessidades locais. Todos os humanos devem tomar vitamina C, a vitamina C não tem o efeito desejado a não ser quando administrada em uma certa dose, o sal é perigoso, o açúcar é nocivo, recomenda-se tomar uma taça de vinho por dia, exercícios são indispensáveis, não se deve comer à noite, é preciso começar o dia tomando um copo de água etc.

O Tratado da Saúde Perfeita, que garantiria a extensão da juventude, continua sendo revisto e reescrito, produzindo comportamentos sociais. Juntas, *zoé* e *bíos* desenham a biopolítica da qual somos agora corpos-mídia.

## BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Boitempo Editorial, 2007
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*, v. I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- COSTA, Jurandir Freire. *O Vestígio e a Aura: Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.
- GLEISER, Marcelo. Stevie Wonder, Lucrécio e o medo. *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, fev., p. 3.
- ORTEGA, Francisco. Da Ascese à Bioascese, ou do Corpo Submetido à Submissão do Corpo” *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- PELBART, Peter Pal. *Vida Capital*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, 1971.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. *O corpo. Filosofia e educação*. São Paulo: Editora Ática, 2007
- JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987
- KATZ, Helena & GREINER, Christine. Corpo e processo de comunicação. *Revista Fronteiras*, 2001.
- LAKOFFf, George & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh, the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Educ/Mercado de Letras, 2002.
- MATTELARD, Armand. *L' Invention de la communication*. Paris: Édition de la Découverte, 1997,1994.

- NAJMANOVICH, Denise. *O sujeito encarnado. Questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Editora Bertrand Brasil, 1998.
- SEBEOK, Thomas. *The sign is just a sign*. Indiana: Indiana Press, 1991.